

Não plante eucalipto, plante alimentos!

O lucro é maior e todos ganham

GT Ambiente AGB-Rio e Movimentos Sociais

EUCALIPTO - COMO, ONDE, PARA QUÊ E PARA QUANTOS?

“Os impactos sobrevieram, então, como uma avassaladora avalanche em queda abrupta. Trabalho escravo e trabalho infantil em carvoarias, associados ao manejo florestal celulósico. Devastação da mata Atlântica, assoreamento de grandes rios e o desaparecimento de inúmeros córregos; desestruturação da agricultura familiar, violentas lutas por terra: com os tupiniquins, guaranis e os negros remanescentes de quilombos. O envenenamento da população do entorno florestal por agrotóxicos. Terceirização das operações florestais e depredação das condições de trabalho. Mecanização abrupta do corte e desemprego aberto de milhares de motosserristas no norte do Espírito Santo e, também, na região de Aracruz. Os problemas na saúde do trabalhador florestal, dos acidentados e mutilados do eucalipto”.

Acerca da sociedade capixaba - Retrospectiva e perspectiva dos 30 anos da monocultura do eucalipto no Espírito Santo *

“Na Bahia os problemas foram semelhantes, mas ocorreram em um período mais recente, com maquiagens e disfarces mais sofisticados e foram agravados pela direção hegemônica que os governos concederam às empresas com tanta generosidade, desestimulando outras atividades econômicas, engessando a possibilidade de diversos avanços sócio-culturais e dificultando a recuperação de uma das maiores biodiversidades do planeta”.

CEPEDES - Centro de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia

“Pode ser superior a 50 mil o número de trabalhadores rurais explorados pela indústria carvoeira e madeireira em Minas Gerais, sem registro de trabalho e que desenvolvem suas atividades em condições subumanas, de acordo com a Coordenação de Fiscalização Rural da Delegacia Regional do Trabalho”. A Comissão Parlamentar de Inquérito das Carvoarias vai além, ao afirmar que essas indústrias continuam explorando mão-de-obra infante-juvenil”.

Jornal Minas, 5 de abril de 2002

“Nos anos 60, a monocultura do eucalipto causou profundos impactos socioambientais em Minas Gerais. Nos anos 70, foi a vez do Espírito Santo. Nos anos 80, o palco da devastação foi a Bahia. Em 2000, a indústria de celulose volta os olhos para o Rio de Janeiro. Será que a ânsia de ocupar melhores posições no sedutor mercado mundial de celulose mais uma vez irá determinar uma intervenção desastrosa sobre o espaço rural?”

Rede Alerta contra o Deserto Verde

Eucalipto - árvore da família das Mirtáceas cuja origem principal é a Austrália, não sendo, portanto, nativa do Brasil. Possui um ciclo de crescimento relativamente curto (o primeiro corte é feito em 7 anos), e este crescimento rápido a distingue das demais essências florestais, que em geral apresentam crescimento mais lento.

Múltiplo uso do eucalipto - o eucalipto possui uma grande versatilidade de uso e por isso mesmo é útil à propriedade rural. Em alguns casos contribuiu para reduzir as pressões contra as florestas nativas, mas esse argumento já favoreceu seu uso indiscriminado prejudicando as culturas tradicionais, inclusive de espécies nativas, em geral colocadas em segundo plano pela pesquisa científica.

O eucalipto na indústria da celulose - em termos econômicos, o principal destino do eucalipto no Brasil e no mundo é a indústria de celulose, que o utiliza como matéria-prima para a produção de polpa de celulose. Para isso cozinha-se a madeira picada e depois essa pasta é clareada utilizando-se produtos químicos extremamente tóxicos. Essa polpa semi-elaborada é utilizada na fabricação de papéis. A fibra curta do eucalipto tem sido utilizada para fabricar papéis sanitários (higiênicos e *produtos descartáveis* como toalhas e lenços de papel).

A economia da celulose - A indústria da celulose mantém uma estreita relação com o setor rural, subordinando-o inteiramente de modo a atender seus interesses econômicos. Grande parte da produção brasileira de polpa é destinada ao mercado externo, para reprocessamento.

Mercadoria exportada não paga ICM! - para completar o quadro, a indústria da celulose não contribui efetivamente para o aumento dos valores de impostos repassados para o Estado e Municípios. Isto porque tendo sido ela

beneficiada pela Lei Kandir, o ICMS não incide sobre toda a cadeia produtiva para a produção de celulose. O mercado mundial de celulose movimenta hoje US\$ 150 bilhões.

O produtor rural recebe muito pouco da riqueza que ajuda a gerar. A cotação da polpa de celulose no mercado mundial alcança hoje cerca de US\$ 500,00 por tonelada. Estimando-se serem necessários 4 metros cúbicos de madeira para produzir 1 (uma) tonelada de celulose, e considerando-se o preço atualmente pago ao produtor - R\$ 28,00/ m³, temos que a indústria desembolsa R\$ 112,00 para adquirir matéria-prima suficiente para produzir R\$ 1.800 (1 tonelada de celulose). Ou seja, a agricultura participa com apenas 6% do valor alcançado pelo produto processado, sendo este preço 16 vezes maior que o valor do produto primário.

O eucalipto enquanto opção econômica é uma péssima alternativa

Cultura	Rentabilidade líquida (reais por hectare/ano)	Superioridade em relação à cultura do eucalipto (em número de vezes)
Eucalipto	200,00	-
Cultura da goiaba	30.000,00	150
Consórcio côco-anão/café	13.000,00	65
Cultura da manga	8.000,00	40
Cultura da graviola	8.000,00	40
Cultura da beterraba	13.424,00	67
Cultura da cenoura	13.628,00	68
Cultura do inhame	3.225,00	16
Cultura do pimentão irrigado	8.000,00	40

Fonte: Aracruz (eucalipto), Fundação Luterana de Sementes, FASE, Incaper

OBS: as informações referem-se a médias estimadas, cabendo as variações de acordo com a região, sistema de produção utilizado, condições de mercado, entre muitos outros fatores.

Fomento florestal: só uma opção de comprador

Para garantir regularidade no fornecimento de eucalipto a indústria faz contratos com o produtor, à semelhança do que ocorrem com outras cadeias agroindustriais no Brasil, como a do tomate, goiaba, frango, suínos e outras. No caso do eucalipto, esta integração com a indústria é chamada **fomento florestal**, através do qual são firmados contratos de fornecimento entre o produtor e uma determinada empresa. O produtor só tem, portanto, **uma opção de comprador**. Sendo assim, seu poder de barganhar preços é muito baixo, sobretudo se ele for desarticulado, ou seja, não participar de associações.

Assalariamento disfarçado - Nos contratos de fomento florestal os produtores não necessitam investir qualquer quantia, a empresa fornece as mudas, o adubo, o formicida e a assistência técnica para desenvolver as plantações. Alguns estudiosos consideram que estas relações não passam de um “*assalariamento disfarçado*”, com a desvantagem do produtor rural assumir inteiramente os riscos da produção agrícola e não receber nenhum benefício social.

Alimentos dão lucro maior e possuem maiores opções de venda

Outros produtos agrícolas, como frutas e hortaliças, oferecem ao produtor mais opções de venda (feiras, mercado do produtor, sacolões, merenda escolar, supermercados locais, etc.). Além disso, ele tem a chance de obter preços muito melhores por estes produtos processando-os em pequenas agroindústrias e ainda produzindo alimentos orgânicos, cujo mercado hoje está em crescimento e é altamente remunerador.

Subordinação do setor rural ao capital industrial: quem decide o rumo do desenvolvimento?

A indústria de celulose e sua ânsia por melhores posições no mercado mundial, quer ser a única determinadora de **onde, como e para quem se ocupará o espaço rural**, o que está em desacordo com a legislação federal, que determina a realização de um zoneamento agroecológico antes da

implantação de algum projeto de desenvolvimento em todo o território nacional segundo a Lei 8.171 da Política Agrícola e Código Florestal.

O zoneamento agroecológico é participativo

O zoneamento agroecológico é, na verdade, um estudo que deve identificar as potencialidades do território e classificar as áreas segundo diferentes padrões desejáveis de uso. Ele deve ser capaz de ordenar o território de forma a combinar desenvolvimento econômico com a preservação do meio ambiente em todo o território nacional. E todos os grupos sociais envolvidos devem participar destas discussões durante sua elaboração

Impactos sociais da monocultura do eucalipto

A indústria, ou seja, um único interesse privado decide, à sua conveniência, a localização e o tamanho dos projetos rurais por critérios puramente lucrativos. Ora, e se região escolhida estiver definida pelo Estado como área prioritária para **Reforma Agrária**, como ocorre com as regiões Norte e Noroeste fluminense, regiões com fortes indicadores de pobreza e com um grande número de famílias a serem assentadas?

A monocultura de eucalipto gera muito pouco emprego

Enquanto que um hectare na fruticultura pode gerar 10 empregos, a monocultura de eucalipto gera tão pouco emprego que os números divulgados pelas empresas são assim: “1000 ha geram 50 empregos diretos em 5 anos” - ou seja, 0,05 emprego por hectare em 5 anos! Podemos imaginar um triste cenário de **êxodo rural** com a ocupação maciça desta monocultura em uma determinada região.

Impactos ambientais da monocultura do eucalipto

Nenhuma outra cultura cresce tanto em tão pouco tempo, para isso é necessário o consumo de grandes quantidades de água e nutrientes, tais como o potássio e magnésio do solo¹. Em áreas já degradadas, plantios homogêneos

¹ Ver em “O Eucalipto e Água: Verdade ou Falácia? de Harald Witt, África do Sul, in Seminário Internacional sobre Eucalipto e seus Impactos, 2001 e também em “Fomento Florestal: o que é, a quem interessa e quanto ganha o produtor?”, Centro de Defesa dos Direitos Humanos s.d.

podem levar à completa exaustão do solo. O monocultivo pode afetar também mananciais de água, além de rebaixamento de lençol freático².

Uso de pesticidas

Os plantios industriais, quando se instalam, dependem da aplicação de grandes quantidades de herbicidas, provocando graves impactos no meio hídrico, na fauna e nos trabalhadores que os aplicam.

Monocultura de eucalipto em regiões em processo de desertificação

O que acontecerá caso grandes plantações ocupem áreas em processo de desertificação, já com problemas de escassez de água?

Eucaliptocultura e os impactos à biodiversidade

Qualquer atividade agrícola tem um nível de perturbação no ecossistema. Sabemos que as monoculturas causam consideráveis impactos ambientais. No caso da monocultura de eucalipto, há uma forte limitação à presença da fauna, uma vez que não existem frutos. Também é difícil o consórcio com outras culturas ou outras espécies vegetais graças aos efeitos tóxicos de substâncias emitidas pela árvore (alelopatia)³.

Política de incentivo governamental

Para se ter uma idéia, uma única empresa fabricante de celulose recebeu do governo federal, via BNDES, 1 (um) bilhão de reais para expansão de suas instalações industriais. Enquanto isso, o governo federal destinou ao longo de um ano apenas R\$ 600 milhões para a agricultura familiar **em todo o Brasil**.

Mas não precisamos de papel?

Para ilustrar, sabemos que os Estados Unidos consomem **347 kg** de papel por pessoa/ano, o Brasil **38 Kg**/pessoa/ano e o Vietnã **6 kg**/pessoa/ano. Será que o consumo de papel está de fato relacionado à civilização, à

² *Idem*

³ *“Fomento Florestal: o que é, a quem interessa e quanto ganha o produtor?”*, Centro de Defesa dos Direitos Humanos s.d.

alfabetização? Pois bem, o Vietnam possui o mesmo nível de alfabetização que os Estados Unidos, **95%**.

Além disso, grande parte da fibra de celulose produzida a partir do eucalipto destina-se à produção de papéis descartáveis.

Por todas estas razões, a Rede Alerta contra o Deserto Verde, formada por mais de 100 entidades nos estados do Espírito Santo, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais, tem procurado conscientizar a sociedade para os riscos da formação de um verdadeiro **deserto verde**, em detrimento da Reforma Agrária, da produção de alimentos em sistemas familiares diversificados e ecológicos, da recuperação dos ecossistemas ameaçados, das possibilidades geradas pelas florestas sociais, em prejuízo das águas, das economias regionais e da vida!

Bibliografia

*Calazans, Marcelo. Acerca da sociedade capixaba-Retrospectiva e perspectiva dos 30 anos da monocultura do eucalipto no Espírito Santo,s.d.

Carrasqueira, M.V. Eucalipto: Mais lenha na fogueira! S.d.

Fomento Florestal - o que é, a quem interessa, quanto ganha o produtor?
Centro de Defesa dos Direitos Humanos - Teixeira de Freitas, Bahia, s.d.

Seminário Internacional sobre Eucalipto e seus Impactos - Vitória, agosto de 2001, realizado pela Assembléia Legislativa do Espírito Santo.

Rede Alerta contra o Deserto Verde

Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Rio de Janeiro

Responsáveis: João Batista (JB) e Cristiane Cardoso

Endereço eletrônico: agbriogt@yahoo.com.br e agb_rio@yahoo.com.br

Rua São Francisco Xavier, 524 - sala 4101 bloco F - UERJ - Maracanã Rio RJ
CEP 20550-900

Blog GT Meio Ambiente: <http://gtagbrioeniteroi.blogspot.com/>

Rede Alerta contra o Deserto Verde

AGB-Rio - Associação dos Geógrafos Brasileiros - Rio e Niterói

GT Ambiente AGB-Rio e AGB-Niterói

CUT-RJ

APEDEMA - Assembléia Permanente das Entidades de Defesa do Meio Ambiente

FASE Solidariedade e Educação

Rede Brasileira de Justiça Ambiental

CREA-RJ - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado do Rio de Janeiro.

FETAG - Federação dos Trabalhadores na Agricultura

CPT - Comissão Pastoral da Terra

Verdejar - Proteção Ambiental e Humanismo

Bicuda Ecológica

CNFCN - Centro Norte Fluminense para a Conservação da Natureza

SINDIPETRO - Sindicato dos Petroleiros

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MCPA - Movimento de Cidadania pelas Águas

Comissão de Defesa do Meio Ambiente da Alerj

AEARJ - Associação de Engenheiros Agrônomos do Rio de Janeiro

ACAPEMA - Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente

ADEFAL - Associação dos Deficientes Físicos e Amigos de Iconha

AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Vitória (ES)

AMJAP - Associação de Moradores de Jardim da Penha (Vitória/ES)

AMPRDI - Associação de Moradores e Produtores Rurais de Iconha

AMUTRES - Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais/ES

Associação Padre Gabriel Maire em Defesa da Vida

CECUN/ES - Centro de Estudo e Cultura Negra/ES

Centro de Defesa dos Direitos Humanos - Regional Sul

Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Serra

Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Baixo Guandu
Centro de Defesa dos Direitos Humanos de São Gabriel da Palha
Centro de Defesa dos Direitos Humanos do Extremo Sul da Bahia
CEPEDES - Centro de Pesquisa para o Desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia
CIMI Equipe ES - Conselho Indigenista Missionário
CIMI Equipe Extremo Sul da Bahia
Conselho Municipal de Educação de Cachoeiro de Itapemirim
COOPICAR - Cooperativa das Famílias Carvoeiras do Norte do Espírito Santo
CUT/ES - Central Única dos Trabalhadores
CUT Extremo Sul da Bahia
Espaço Cultural da Paz (Teixeira de Freitas/BA)
FAMMOPOCI - Fed. de Associações de Moradores e Movimentos Populares de Cachoeiro de Itapemirim
FAMOPES - Federação de Associações de Moradores e Movimentos Populares do Espírito Santo
FASE/ES - Fed. de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FASE/Itabuna/BA
FETAES - Federação dos Trabalhadores na Agricultura/ES
Fórum de Lutas do Campo e da Cidade
Fórum de Mulheres do Espírito Santo
Fundação Canaan
Gambá - Grupo Ambientalista da Bahia
Igreja de Confissão Luterana /Brasil (Sínodo do Espírito Santo a Belém)
Missionarios Combonianos (Carapina/Serra/ES)
Movimento Nacional de Direitos Humanos - Regional Leste I
Movimento Nacional de Meninas e Meninos de Rua
MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores do Espírito Santo
MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
OJAB - Organização da Juventude Negra - Nação Zumbi
ONGAL - ONG Amigos do Lameirão
Pastoral Social de Braço do Rio
Sindicato dos Bancários do Espírito Santo
Sindicato dos Petroleiros do Estado do Espírito Santo
Sindicato dos Trabalhadores em Cal e Gesso do Espírito Santo
Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Mármore/ES
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaguaré
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Linhares
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Montanha
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Gabriel da Palha
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Mateus
SINDIUPES - Sindicato dos Professores da Rede Pública/ES